

PREÂMBULO

A TEORIA DA INCERTEZA

É de autoria do físico quântico Heisenberg¹ a Teoria da Incerteza: nunca se sabe a posição exata dos elétrons em um átomo. As partículas têm o condão, a agilidade, aparentemente mágica, anárquica, imprevisível, de sumirem e reaparecerem em locais ou pontos totalmente distintos. Não há aí, todavia, nenhum processo de caos, desorganização. Elétrons por si indomáveis, saltando de órbita em órbita, conservam uma tendência natural de autoorganização, de reagrupamento, de unidade, unificação.

Da mesma forma, segundo psicólogos, as circunstâncias – por vezes armadilhas existenciais, que nos envolvem a todos. O caráter desconhecido, imperscrutável de nossas escolhas, da tomada de decisões. A vida diária, pululante, com suas manifestações, surpresas, desafios que a todos afetam: medos, ansiedades, inseguranças, superstições, apegos, reviravoltas... “O que há de mais presente no mundo é a instabilidade e as leis do Estado, tais quais as nossas roupas, não podem assumir forma fixa” já afirmava Michel de Montaigne em seus célebres “Ensaio”. “Ninguém se banha nas mesmas águas duas vezes”, preceituava Heráclito, no primor do pensamento grego antigo².

O pêndulo do tempo entre o passado, por vezes algoz, e o futuro inquietador, atemorizador. A luta entre o socialmente aceito, o que os outros julgam que deve(r)iamos fazer e o que realmente nos satisfaz, nos torna ontológica, social e politicamente corretos. Trajetórias a serem construídas, quadros a serem delineados com o instrumento e o pincel de nossa vontade. Coragem para se contrapor a rejeições, a perdas, às pressões e repressões culturais, à crônica mania da vitimização; e assumirmos, destarte, nossas posições, nossas ações e mudanças como fruto de nossas escolhas. Ideias, ideais, sonhos, posturas, fados que, por muitas vezes, fluem, fogem-nos dentre os dedos impotentes, os olhos arregalados...

Falam-nos os mestres da necessidade do autoconhecimento, o aprendizado ininterrupto, o caminho da consciência – direção e percurso a serem seguidos, os instrumentos para se cumprir a meta, os imprevistos e empecilhos de curso, a reciclagem de métodos, o repensamento, se necessário, de estratégias e eventualmente de itinerários.

Certezas, dogmas ruem. Elos se rompem, elos se recompõem. Terremotos, guerras, crises existenciais que viram a realidade de cabeça para baixo, atordoam, depuram! E o mundo segue seu inextricável, revolucionário caminho...

NOTAS

(1) Werner Karl Heisenberg, físico quântico e nuclear alemão, nasceu em Wurzburg em 05/12/1901 e faleceu em Munique em 01/12/1976. Um dos maiores cientistas do séc. XX, formulador da Mecânica Quântica. Prêmio Nobel de Física (1932)

(2) Heráclito, o mais importante filósofo grego pré socrático e um dos maiores de toda a Antiguidade. Nascido em Efeso, então uma colônia grega (hoje pertencente à Turquia) por volta de 550 a.C, falecendo por volta de 480 a.C. na região da Jônia, então sob domínio persa.

Seus conceitos são ainda hoje de uma indiscutível atualidade e acham-se reunidos em sua obra “Sobre a natureza” ou “As musas”, na qual escreve sobre costumes, ética, monismo, cosmologia etc. Considerado “obscuro” por homens de sua época, pois era indiferente à política, religião e mesmo ao pensamento ou cultura de então. Respeitado e admirado pelos conquistadores, recusou, todavia, vários convites para assessorar o rei persa. “Tudo o que existe está em permanente mudança ou transformação. O Devir, o tornar-se, o vir-a-ser é o nome dessa incessante alteração. A guerra - a luta entre contrários- é a rainha de todas as coisas”. No final, tudo se harmoniza, se concilia, os contrários se sintetizam. É um processo que, por exemplo, ante ou por força da doença nos induz a valorizar a saúde; que nos leva à alimentação e boas práticas de vida a fim de crescermos e sobrevivermos; que, diante dos riscos, nos conduz a métodos de defesa e à justiça.

Para Heráclito, tudo é dialético, contraditório, tudo se acha em processo de instabilidade e mutabilidade, enganando nossos sentidos e mesmo o pensamento. Assim, a multiplicidade contraditória faz surgir a unidade dialética, que nos permite e nos provê do conhecimento, este por sua vez, também é passageiro, efêmero. Um turbilhão infinito, indezessável onde se engalfinham a unidade e permanência o ser versus a pluralidade, a pretensa imutabilidade diante transitório...

Acesse o Boletim online no site www.credivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

PERDIDOS NA FLORESTA

Mozar Marques, ou melhor Mozar do Zé do Felício, então jovem e residente em Mercês de Água Limpa tinha o invariável costume de assistir a jogos no Mineirão. Era ele fiel torcedor do Cruzeiro E.C. Deslocava-se para Belo Horizonte, quando de jogos de seu time preferido na capital mineira, acompanhado geralmente por amigos e moradores da localidade ou vizinhanças, a bordo de um jipe willys de capa preta.

Numa de suas várias idas ao estádio - vão-se lá uns trinta a quarenta anos - levou, certa vez, dentre os companheiros, dois rapazes das adjacências, do Capão das Flores, inexperientes, sem traquejo ou vivência em cidades de grande porte e que acabaram se perdendo no estádio em meios aos milhares de torcedores, naquela floresta de gente, cimento, barulho ensurdecedor. Tempos em que não havia celular. Passaram os dois, então com peculiar linguagem acaipirada, janota, a abordar e interrogar todos os torcedores, obviamente estranhos, ali, aos bandos, a se agitarem, se espremerem pelas arquibancadas:

- Ei, moço, ocê, por acaso aí, viu o Mozá do Zefiliz? Ocê conhece ele, né?

Ante o olhar de espanto e mofa de cada torcedor interrogado, os rapazes complementavam:

- É um “artão”, fortão, dono do bar da esquina, lá na praça de Capelinha... ocês conhece ele, não?!

Sob gracejos de uns, a perplexidade de outros torcedores, os rapazes prosseguiram na sua angustiada explicação, a que inseriam novos detalhes:

- Aquele que tem um jipe da capa “peta”... Nós viemos qu’ele...

Até policiais presentes no estádio foram demandados. Inúteis indagações. Perambularam ambos, durante tempos, numa via sacra das mais dolorosas, minutos e minutos se passando, jogo correndo, sob a ironia, gracejos e perplexidade dos interlocutores...

Foram salvos da enrascada, por pura sorte, por um torcedor de Bom Sucesso, presente ao estádio, que, ao ser interrogado, reconheceu um dos jovens, ajudando-os a localizar Mozar e o restante da turma.



UM MARCANTE EVENTO COOPERATIVISTA

Num mundo em crise de identidade, de valores, até mesmo de rumos, é importante buscarmos doutrinas e instituições coerentes, equânimes, voltadas para a promoção humana, para os interesses da comunidade, que invistam nas pessoas, se pautem pela cultura da cooperação, da solidariedade, da sustentabilidade e responsabilidade social. Ideologias e organizações que, em suma, trabalhem pelo bem estar, a dignidade, qualidade de vida para todos.

Eis o Cooperativismo, uma filosofia, um movimento humanista, progressista, que, há 170 anos, propugna a promoção da cidadania, o desenvolvimento econômico, social, ambiental da coletividade, a partir da junção das forças individuais e comunitárias, alicerçadas preponderantemente no capital humano, no esforço conjunto das pessoas, buscando a solução dos problemas comuns; sempre, de forma pacífica, harmoniosa, solidária, contrapondo-se ao contexto de competitividade predatória, própria do capitalismo mercantilista e atético, que tantas desigualdades sociais e ambientais geram, há séculos, no mundo.

Assim, a título de exemplo, a carência local/regional na área creditícia e de serviços afins, requisitando/demandando a constituição – obviamente ousada – de um agente financeiro próprio, formada por associados (os próprios moradores e empreendedores), com integral cumprimento à legislação do País, algo perfeitamente possível, mediante a constituição de uma cooperativa de crédito.

É, com prazer, que registramos, nesta edição, um significativo evento: os 30 anos de fundação e atuação do SICOOB CREDIVERTENTES, cooperativa de crédito de livre admissão, iniciada em nossa cidade em 1986, a partir do pioneirismo e idealismo de 22 associados fundadores – contando hoje 14.000 associados - e prestando consideráveis serviços financeiros, creditícios e afins a inúmeras comunidades da região Campos das Vertentes. Nossos cumprimentos aos srs. associados, delegados, colaboradores, conselheiros, dirigentes e a toda a região assistida pela Instituição Cooperativista.

ADIVINHAS

O casal

Eu conheço um marido e uma mulher, que nunca estão juntos.

Quando o marido chega, a mulher vai-se embora.

Parecem inimigos, mas nunca brigam.

Não há um casal mais velho em todo o mundo,
mas também não há um casal mais novo.

A mulher é escura, amiga do sono e dos sonhos,
e tem sempre mais de mil olhos abertos.

O marido é claro, barulhento e cheio de
vida, mas vê só com um olho muito, muito grande.

No verão a mulher é curta e o marido é comprido;

No inverno o marido é curto e a mulher é comprida.

O marido é mais ou menos quente; a mulher é mais ou menos fria.

Como se chama o marido?

Como se chama a mulher?

Respostas: Sol e Lua

Provérbios e Adágios

- Filho de burro pode ser lindo, mas um dia dá coice.
- A fortuna é de vidro; um dia se quebra.
- A cão que dorme não se acorda. (não acordes a má sorte quando ela está dormindo)

Para refletir:

• Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida significa responder à questão fundamental da filosofia.

(Albert Camus, escritor francês – 1913/1960)

• É impossível transformar a escuridão em luz, a apatia em movimento, sem emoção, sem auto amor.

(Jung)

• Não tente conseguir de outra maneira o que não conseguir por amor.

(S. Francisco de Sales)

• Mais importante do que o notório saber é o notório fazer.

(José Zanine Caldas)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

NOTAS

MONOGRAFIA

"A HISTÓRIA EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO DE SÃO TIAGO NO PERÍODO DE 1889 A 1927"

Cumprimentamos/parabenizamos a Srta. Raissa Sula de Paula Reis, nossa conterrânea, pela monografia "A História Educacional no Município de São Tiago no período de 1889 a 1927" apresentada no curso de História da Universidade Federal de São João Del-Rei (2015). O trabalho, uma pesquisa de abordagem descritiva, qualitativa, bibliográfico-documental, é/foi requisito à obtenção de título de bacharelado em História e contou com a orientação do prof. Orlando José de Almeida Fº.

A monografia aborda a história educacional brasileira, a história oral-educacional e cultural-escolar no município de São Tiago, período de 1889 (proclamação da República) a 1927 (quando da implantação do Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior", ou seja, a assunção pelo Poder Público do ensino primário em nosso município).

Que iniciativas brilhantes como esta, da universitária Raissa sirvam de modelo e inspiração a outros jovens universitários locais, quanto ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, tendo como tema nosso município e/ou região adjacente.

ENVOLVENDO-SE COM A VIDA ALHEIA...

Inúmeros termos, em nosso idioma, acham-se relacionados com a vida alheia, aliás esporte preferido de muita gente. Vejamos alguns desses vocábulos:

• **Mexericar** – verbo que tem sua origem relacionado com a fruta laranja mexerica ou mexeriqueira. Tem o sentido de intrigar, denunciar, dado o cheiro a impregnar quem chupou a fruta, ainda que tenha espalhado e jogado longe as cascas. Etimologicamente, vem de "mexer", do latim "miscere" (misturar, mesclar, confundir)

• **Fofocar** – de origem banto, idioma africano, falado por antigos escravos.

• **Fuxico** – fuxicar – futricar – Ato de espalhar notícias infundadas; envolver-se com a vida alheia. Vem do francês "foutriquet", pessoa vil, desprezível, indigna de atenção e consideração

• **Xeretar** – verbo derivado de "cheiro", à semelhança do cão que fareja, em busca de alguma coisa.

• **Maledicência** – do latim "maledicência", hábito de falar mal dos outros; detração; difamação.

Nossos cumprimentos à Escola Municipal "Deputado José Aldo dos Santos" – diretoria, corpo docente, discente e funcional e extensivamente pais e toda a comunidade ao ensejo de seus 20 anos de instalação comemorados dia 16 de julho.

Realização:



Patrocínio:

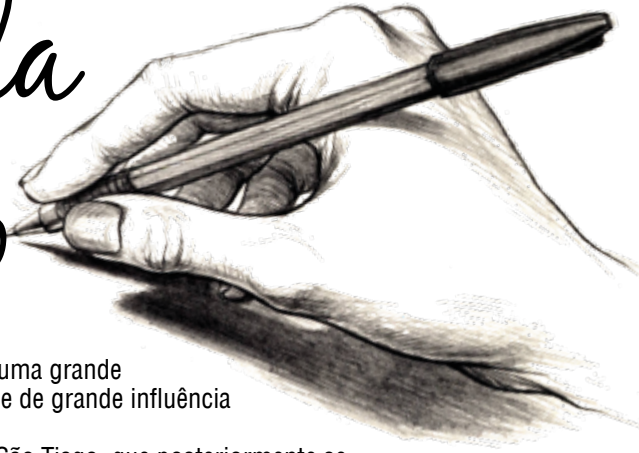


Apoio Cultural:



Biografia

Bárbara Cândida do Amor Divino



Dona Bárbara Cândida do Amor Divino nasceu em São Tiago, no ano de 1811, foi uma grande fazendeira e senhora de escravos, além de ser uma mulher de personalidade forte e de grande influência em São Tiago e região em sua época.

Essa ilustre senhora foi a progenitora das famílias Gaudêncio e Faria na região de São Tiago, que posteriormente se espalharam pelo Brasil.

Dona Bárbara Cândida do Amor Divino era filha do tenente Hipólito José de Faria e de Dona Maria Cândida de Santa Ana. Esta senhora, de alta linhagem, descendia de importantes desbravadores do Brasil.

Seus pais eram proprietários da Fazenda Capão localizada em São Tiago e ainda possuíam partes nas Fazendas do Tatu, Córrego das Almas, Córrego das Antas, Desemboque e Boa Vista.

Foi a terceira filha de 4 irmãos, sendo eles: Vicência Paulina de Santana, Gertrudes Cândida de Santana e o mais jovem dos irmãos Vicente Cândido de Faria.

Pelo lado paterno, era neta do Capitão Mateus José de Faria e de Dona Bárbara Francisca de Jesus, ambos naturais da Freguesia de São Mateus da Vila do Faial nos Açores. Em São Tiago, foram proprietários da Fazenda Ribeirão do Mosquito, contando com 37 escravos por volta do ano de 1820.

Seu pai foi o sexto filho de oito irmãos, sendo eles: Josefa Maria Francisca, Clara, Bernarda, Ana Gertrudes de Faria, Gertrudes Caetana de Faria, José e Agostinho José de Faria.

Pelo lado materno era neta do Capitão João Gonçalves de Mello, natural de São Tiago, e de Dona Ana Rodrigues de Faria, natural da freguesia de Santo Antônio da Vila de São José.

Sua mãe foi a terceira filha de quinze irmãos, sendo eles: João Lourenço de Mello, Vicente Venâncio de Mello, Vicência Paulina de Jesus, Antônio Lourenço de Mello, Clara, Manoel Gonçalves de Mello, Jose, Bárbara Francisca de Jesus, Maria Rita de Jesus, Ana Cândida de Jesus, Joaquim Gonçalves de Mello, Clara Maria de Jesus, Maria e Francisco.

Dona Bárbara era prima de segundo grau da Primeira Baronesa de Alfenas, Dona Inácia Constança de Andrade e da Baronesa de São Thomé Dona Mariana Benedita do Nascimento.

Dona Bárbara é oriunda da família Faria, povoadora da região de Bom Sucesso, sendo uma nobre e antiga família portuguesa que descende do casal de açorianos Antônio Rodrigues da Costa e Dona Águeda Rodrigues de Faria, casados em São Mateus na Ilha do Pico nos Açores, em 13 de junho de 1.707.

O casal teve ao menos 11 filhos, dos quais 2 migraram para o Brasil: Antônio Rodrigues de Faria e João Rodrigues de Faria, esse último fixando suas raízes em Minas Gerais, especificamente na região de São Tiago.

O Senhor João Rodrigues de Faria casou-se em Tiradentes com sua conterrânea Dona Isabel do Rosário.

Foram proprietários da Fazenda Laranjeiras em São Tiago. Essas terras foram compradas de Manoel Marques de Carvalho e de Eugenio Martins de Mello. Faziam divisas com as fazendas de Bento Pinto de Magalhães, Manoel Teixeira, Manoel de Medeiros e João Batista.

Mais tarde João pediu que as terras lhes fossem concedidas por “legítimo título de sesmaria”, o que lhe foi deferido em 13 de fevereiro de 1.767.

O Casal teve três filhos: Furriel João Rodrigues de Faria, Capitão Pedro Rodrigues de Faria e Dona Ana Rodrigues de Faria, que por sua vez era a avó materna de Dona Bárbara Cândida do Amor Divino.

Dona Bárbara casou-se com o senhor Joaquim Gaudêncio de Souza, na Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso aos 24 de janeiro de 1.838.

Joaquim Gaudêncio de Souza era natural de Conceição da Barra de Minas, filho de José de Souza de Oliveira e Dona Joaquina Maria do Espírito Santo.

Joaquim era irmão de Maria Tereza de Souza e do famoso desbravador do oeste brasileiro Patrício Lopes de Souza.

Na data do casamento, Dona Bárbara contava com idade aproximada de 26 anos e o Senhor Joaquim em torno de 30 anos de idade.

Tiveram ao menos sete filhos, sendo eles: Hipólito José de Faria; Maria Cândida de Jesus; Joaquim Gaudêncio de Souza; Anna Rodrigues de Faria; Jose Gaudêncio de Souza; Maria Rita de Faria; Bárbara Cândida do Amor Divino Júnior.

O casal residiu na Fazenda da Serra na Freguesia de São Tiago, termo da Vila de São José. Dona Bárbara se tornou uma fazendeira próspera e rica, com um grande número de escravos.

Sua influência pode ser comprovada através dos registros paroquiais da época, que constam que Dona Bárbara possuía um expressivo número de afilhados de batismo, que na época, era sinal de “status” e grande respeito pela sociedade.

Éder Gaudêncio

ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO SICOOB CREDIVERTENTES

30 anos de Portas Sempre Abertas

Há 30 anos, numa tarde ensolarada de 27 de Agosto de 1986, em uma das salas da antiga CASTIL, reuniam-se, discretamente, 22 produtores rurais de nossa região, no intuito de fundar uma Cooperativa de Crédito. Uma “caixa rural” ou “banco do produtor” como diziam alguns.

Algo temerário, ousado. “Como?!” “Com o quê?!” “Onde arrumar o capital inicial?!” “Em São Tiago, esse ovinho?!” “Como homens de botina conseguirão gerir uma sociedade financeira?” Espantavam-se muitos. Para outros, motivo de chacotas. Embora a reduzida compreensão associativista de muitos, pudemos juntar forças, esforços, aglutinar valores solidários, mutuários, e assim dotar a região de uma instituição financeiro-creditícia séria, idônea, servidora da coletividade. E que muito serviu e serve a toda a região das Vertentes, através de suas agências hoje presentes em 16 comunidades.

Objetivo maior daqueles homens ali reunidos: o autofinanciamento, a autossustentabilidade da atividade produtiva rural, dada a instabilidade de fornecimento de crédito pelas instituições financeiras bancárias convencionais, públicas ou privadas. A necessidade, ademais, de dotar a comunidade de uma instituição financeira própria, com estabilidade e autossuficiência creditícia e prestação de serviços, porquanto as agências bancárias de bancos oficiais ou comerciais, quando existentes, frequentemente, fechavam suas portas da noite para o dia. Enfim, um projeto maior, ainda que modesto, de transformar a realidade local – muitas vezes, de estagnação – em desenvolvimento, em compromisso para com a comunidade e seus destinos.

Três décadas de lutas, incompreensões, dedicação, frutos. Hoje somos uma instituição consolidada, moderna, com milhares de associados, gozando de estabilidade financeira, patrimonial, credibilidade, imagem, atuando em inúmeras comunidades, com quadro de pessoal altamente capacitado, motivado, dirigentes e gestores eficientes, honrando todos as tradições de trabalho, civismo e progresso próprios de nossa gente.

Foi, até aqui, a alma mineira, libertária, arrojada, persistente que falou alto, superando todos os empecilhos. A vocação humanista, progressista de nosso povo. Uma causa para a qual somos, continuamente, convocados, a de servir, apor mais um tijolo, a erguer colunas, fortalecendo-se, aprimorando-se, cada vez mais, o progresso econômico, social, cultural, ambiental da região e em um clima de solidariedade, união, que a todos beneficia.

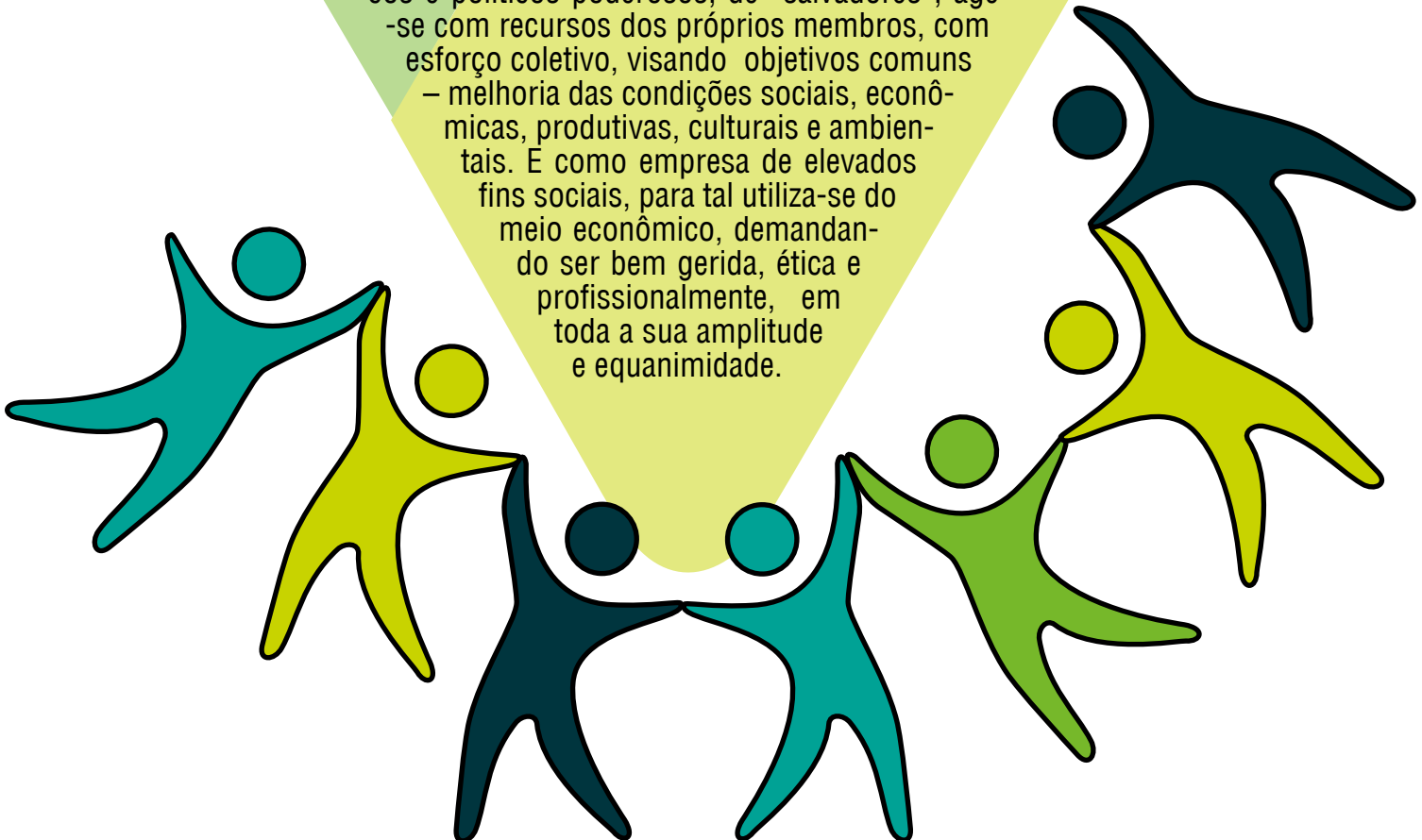
COOPERATIVISMO

Um Movimento, Uma Doutrina

O Cooperativismo, desde os seus primórdios (1844), quando da criação da primeira cooperativa por um grupo de tecelões desempregados em Rochdale, tem demonstrado sua pujança, maturidade, atuando hoje em todo o mundo e com mais de um bilhão de associados, nas mais diversas áreas e setores: consumo, educação, saúde, eletrificação, crédito, transporte etc.

Trata-se de excepcional iniciativa popular, revolucionando a economia local, impulsionando e ativando plenamente a comunidade, a partir de princípios inalienáveis como: I – adesão livre e voluntária; II – gestão democrática pelos membros (associados); III – participação econômica dos membros; IV – autonomia e independência; V – educação, formação e informação; VI – intercooperação; VII – preocupação com a comunidade.

Eis um movimento, uma doutrina, uma organização socio-econômica, que prega e pratica o desenvolvimento social, mediante a ajuda mútua, a união e junção de esforços, a solidariedade em prol do bem estar comum. Ao invés de aguardar governo, empresas ou grupos econômicos e políticos poderosos, de “salvadores”, age-se com recursos dos próprios membros, com esforço coletivo, visando objetivos comuns – melhoria das condições sociais, econômicas, produtivas, culturais e ambientais. E como empresa de elevados fins sociais, para tal utiliza-se do meio econômico, demandando ser bem gerida, ética e profissionalmente, em toda a sua amplitude e equanimidade.




Cooperativismo de crédito no Brasil

O Cooperativismo de Crédito teve seu início no Brasil em 1902, com a fundação de uma cooperativa em Nova Petrópolis (RS). Chegaria à nossa região, com maior vigor, nos meados da década de 1980. Embora a existência de muitas cooperativas de crédito antes de 1964, o sistema fora duramente atingido, quase dizimado pelo regime militar (gestão dos ministros Galveas e Bulhões) Viria, contudo, a ressurgir em Minas, com o firme apoio da Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais-OCEMG, na gestão do saudoso presidente Dr. Dilson Dutra, o qual incentivou a implantação de singulares de crédito, promovendo visitas a cooperativas já atuantes no sul do Brasil e mesmo a outros países.

Assim, em 1985, em 1ª safra, foram instaladas as cooperativas de Montes Claros, Muzambinho, Curvelo, Entre Rios e Bom Despacho. Ainda em 1985, lideranças são-tiaguenses, com apoio da então CASTIL e Sindicato Rural, passaram a ler sobre o assunto, a participar de encontros em B. Horizonte (OCEMG, BNCC) e já em 1986, foram lançadas as sementes em nosso solo, bem como em mais outras seis cidades mineiras: Ibertioga, Cássia, Sete Lagoas, Espera Feliz, Esmeraldas, Paraopeba. Era a 2ª safra de cooperativas de crédito mineiras, pós regime militar.

Embora, com toda a documentação em ordem, cumpridas todas as formalidades legais, inclusive registros na JUCEMG, Receita Federal, o Banco Central recusou-se a conceder a autorização de funcionamento-AF ou “patente” como se dizia e ainda se diz, dentro da mentalidade cartorial brasileira. Aguardou-se algum tempo, mas a instituição oficial permaneceu em silêncio. Decidiram as sete cooperativas – tidas como “clandestinas” – com o sólido apoio da OCEMG, BNCC, a abrir as portas, o que levou à repressão por parte da autarquia, com intimações aos dirigentes para comparecer em Brasília, onde sofreram pressões. Nossa cooperativa, em particular, teve uma tentativa direta de interdição, com a presença in loco de auditor. Reagimos em termos administrativos, sendo bem sucedidos, sendo então concedida a AF.

Vencidas as primeiras dificuldades, tempos difíceis e tempestuosos voltaram a surgir. Dificuldades, mediante convênio, para a compensação de cheques e documentos. Com a liquidação do BNCC em 1990 e da Minas Caixa em 1991, com os quais tínhamos convênio, levou-nos a novo convênio, dessa vez com o Banco do Brasil S/A, permitiu-nos uma solução parcial. A solução definitiva viria com a criação de nosso próprio Banco – Banco Cooperativo do Brasil-BANCOOB – em 1996, eliminando a vulnerabilidade até então existente. Embates hercúleos prosseguiram: a expansão de agências (Postos ou Unidades de atendimento em outras cidades), abertura de conta corrente para não produtores rurais, a remuneração de depósitos a prazo, ante a legislação obtusa, normatizada, castradora do Estado. Por toda a parte, ao longo dos anos, os empecilhos e amarras do Poder Público, a mesma política colonial de impedir o progresso, a emancipação popular, de impedir voz às iniciativas das desprotegidas cidades interioranas. Uma longa, dura saga e cujo itinerário continua desafiador!



No dia 08/03 de 2004, um senhor desconhecido na cidade adentrou a agência do SICOOB em São Tiago, horário de atendimento ao público, dirigindo-se inicialmente à caixa Ana Cristina e por esta encaminhada ao gerente de então Sr. Pedro Aparecido da Fonseca, o estranho, bem apessoado, de início calmo e urbano, dizia possuir uma “grande fortuna” na agência e que lhe fora creditada pelo Sr. “Capitão Africano”. Exigia de imediato um talão de cheque para os saques de direito. Apresentou para tanto uma carta (ver box na página ao lado).

Cliente desconhecido, com assunto tão disparatado, viu o gerente estar diante de um desvario, no mínimo, uma incongruência, uma insânia.

O Boletim S.S. em sua edição nº LVIII – junho 2012, trouxe crônica a esse respeito, intitulada “Tesouro Africano”, autoria do Sr. Douglas Caputo e que transcrevemos na íntegra.

Crônica

Tesouro Africano

... fazia três minutos que estava na fila, mas suas batidas de pé repetidas vezes contra o chão o condenava. Estava ansioso. A cada cliente chamado pela caixa, sua angústia aumentava ainda mais. Coçava a cabeça, olhava pros lados, resmungava algumas coisas e os quase cinco minutos de espera lhe pareciam uma viagem interminável.

Finalmente chegou sua vez. Diante da atendente da cooperativa, aparentava ter por volta de seus 60 anos de idade, era alto, tinha traços fisionômicos distintos e modos corteses, apesar da ansiedade. Solicitou gentilmente conversar com gerente. Informado de que o funcionário havia saído, resolveu não esperar. Foi embora discretamente.

No outro dia, tudo calmo na agência do SICOOB Credivertentes de São Tiago. A caixa contava as cédulas, ligava o computador, checava alguns papéis. Tudo pronto para começar os trabalhos. Primeiro da fila, o senhor do dia anterior trazia às mãos um bocado de papéis envolvidos por um saquinho plástico. Novamente, solicitou a presença do gerente.

Com um copinho descartável de café nas mãos, bebericava aos goles curtos, como quem não tivesse muito que fazer. Colocou cuidadosamente os papéis sobre a mesa do gerente e, aos poucos, foi retirando do plástico as folhas amareladas pelo tempo. A maioria delas de escrita à mão. Demorou um pouco até encontrar o que queria.

Cuidadosamente, abriu o papel que estava dobrado em quatro. Pegou os óculos e passou os olhos de fio a pavio, como um colecionador de letras. Altivamente, disse ao gerente: “Recebi uma fortuna do Capitão Africano, que me autorizou a pegar um talão de cheques para movimentar uma conta corrente, conforme escrito nesta carta”.

Imediatamente ao papel estendido pelo senhor, o gerente passou a mão na carta e começou ler as recomendações do tal Capitão Africano. Realmente a missiva dizia que aquele senhor era herdeiro de uma fortuna incrível. Mas, África? Capitão? Tesouro? Aquela história era a coisa mais sem pé nem cabeça que o gerente já ouvira falar.

“Meu senhor, preciso lhe fazer algumas perguntas para confirmar a esta história”, disse o gerente. “O senhor sabe de onde é esse Capitão? Quem são seus familiares? Quando ele mor-

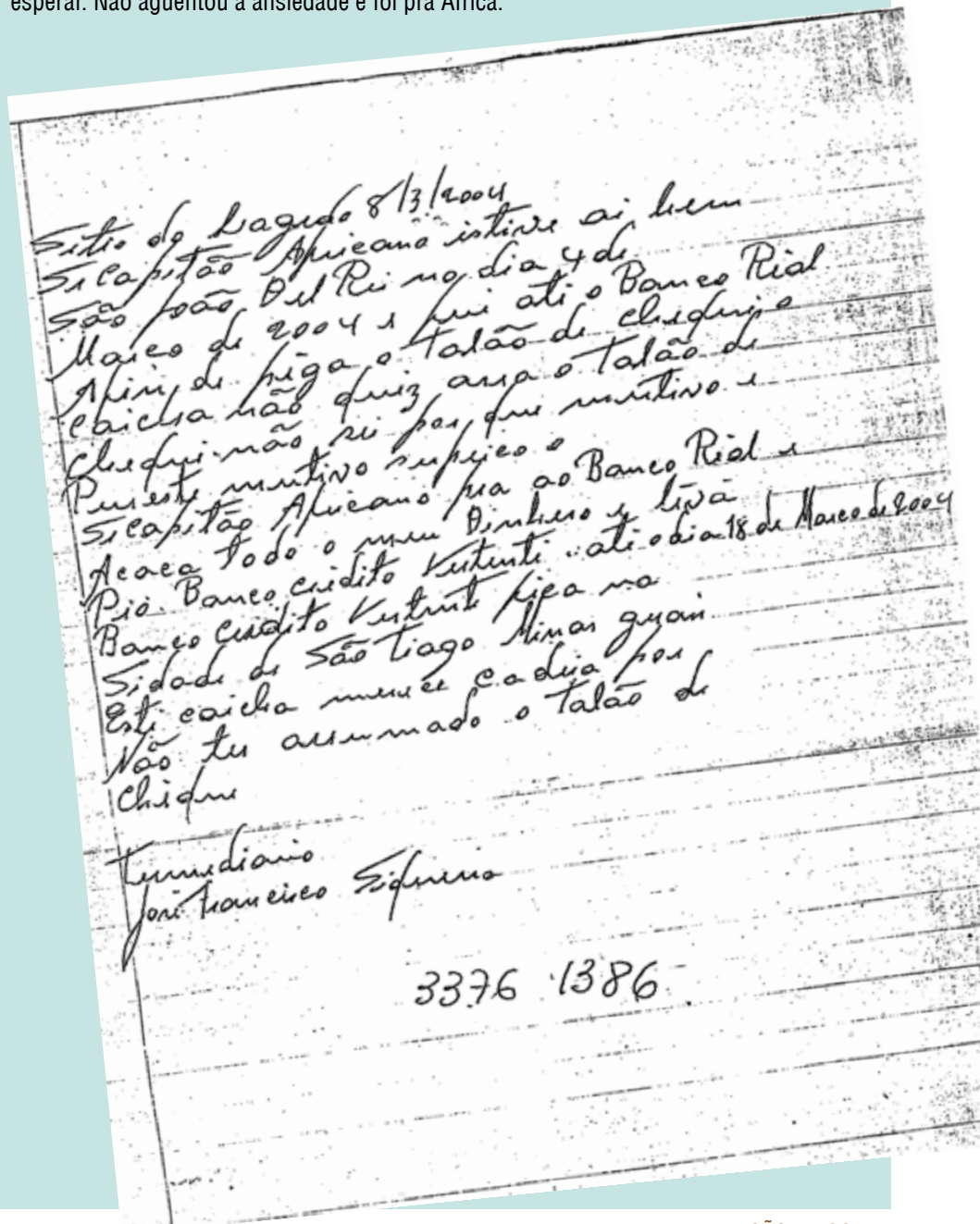
reu? Onde o senhor o conheceu?” O homem apenas olhava, sem interromper a sabatina do funcionário do SICOOB Credivertentes. Mas, com os dedos que não paravam de tamborilar a superfície da mesa, percebia-se a dimensão da ansiedade do sujeito.

Depois daquela saraivada de perguntas do gerente, o homem só queria mesmo era saber do seu talão de cheques. Disparou uma falatina como uma metralhadora giratória contra o funcionário da cooperativa: “Ganhei esse dinheiro do Capitão Africano. Que é africano por conta da África, que fica perto da Austrália. É tudo gente minha”, esbravejava a criatura.

Sem entender patavina do que se passava, o gerente consultou alguns colegas, checou arquivos no computador e concluiu que não poderia dar o tão sonhado talão de cheques para aquele senhor.

Com a negativa do funcionário, o homem de modos corteses perdeu as estribeiras. Disse um monte de impropérios e lançou uma ameaça contra os funcionários da Credi. “Vou à Polícia que era amiga do Capitão Africano. Ela vai prender todos vocês!” O homem saiu pisando duro e cuspidor maribondos.

Ninguém entendeu do que se tratava. O tesouro do tal Capitão Africano nunca apareceu, nem aquele senhor voltou para buscar o talão de cheques. Vai ver que cansou de esperar. Não aguentou a ansiedade e foi pra África.





A PRAÇA II

Escrevi um poema falando da graciosidade da praça e abordando um pouco de seu aspecto histórico.

Tendo por hábito colher água do chafariz, lançando um olhar para apreciar tudo de belo que aí existe, deparei-me com os bancos de cimento ali existentes, cujos escritos em letras grandes registram o nome do doador. Aguçou-me a curiosidade o primeiro, que ativou meu cérebro através do olhar/lembança: DR. ARI ALVES DE CARVALHO. Reparando melhor, percebi o canto direito do local de assento quebrado. Atinei-me, então, para o documentário ali existente: o banco, contendo nome do doador, representa um pouco da história da Praça, da história do município de São Tiago e, principalmente, nos remete à história da pessoa que presenteou o local, onde se pode sentar para apreciar as belezas naturais e os acontecimentos cotidianos e especiais, tais sejam eles: festas, comícios políticos, apresentações culturais. Estar na Praça causa uma sensação de prazer, de descanso: lugar onde as pessoas se encontram, vindas de todas as partes da cidade e de outras, vizinhas e ou distantes. Local apropriado para meditação e encontro com o nosso eu interior. Aí se busca a paz e, na maioria das vezes, volta-se para casa revigorado, renovado.

Ali, uma oportunidade de encontro de gerações para troca de ideias. Quem era estranho torna-se amigo. Conversa vai... conversa vem...

Rememorando o grande benfeitor da humanidade, médico respeitado e de renome, Doutor Ari Alves de Carvalho, que outrora contemplara a Praça com um banco e que hoje se acha contemplado com a gravação nele contida, um referendo à sua memória,

pensei na importância do documentário ali existente: os nomes dos doadores dos bancos são os mais diversos. Referem-se a pessoas físicas ou a empresas locais ou de outros municípios que mantiveram ou mantêm intercâmbio com São Tiago. Alguns deles já não mais existem, daí a importância do registro. Quantas pessoas ligadas à atividade empresarial e cultural vieram-me à lembrança. Muitos pequenos/grandes serviços prestados à comunidade: seraria e carpintaria, laticínios, lojas diversas, funcionários públicos, prefeitos, professora, advogados e outros mais.

Assim, fiz uma trajetória pelo meu pensamento, buscando informações arquivadas no fundo do baú velho, mas de muita utilidade. Lembrando o Doutor Ari e correndo os olhos ao derredor, tive ciência do farto material de pesquisa que se me apresentava: pensei em como poderia ser abordado o tema. Tirei foto de todos os bancos em que havia registro de nomes do doador. Percebi que alguns já se haviam apagado, outros estavam pouco legíveis e, ainda, muitos não continham tais referências. É assunto para uma grande pesquisa da história da praça e dos indivíduos, cujos nomes ali permanecem, desafiando o tempo e a nossa pouca memória dos fatos.

Quem foi DR. ARI ALVES DE CARVALHO? Sei pouco a seu respeito. Socorria a maioria da população o Farmacêutico (Doutor) Henrique Pereira Santiago, o qual fez também uma grande história de serviços prestados ao povo de São Tiago, bem como o Dr. Neto. Doutor Ari foi um médico de extrema competência, tornando-se um Mito: tinha poder nas decisões políticas não somente em Bom-Sucesso, seu município, mas influenciava ainda nas principais decisões dos municípios circunvizinhos. Na verdade, exercia in-

fluências até mesmo junto aos governos estaduais da época. Diziam que tratava não somente como médico, mas também pela afinidade a qual tinha com a doutrina espírita: realizava proezas nos tratamentos e curas, sendo algumas consideradas verdadeiros milagres. Daí a fama do Doutor Ari: um médico e um mito. Seu dinamismo gerou-lhe fama, poder e respeito, que podem ser comparados aos adquiridos por Monsenhor Francisco Elói, em São Tiago. Vejo muita semelhança entre as duas personalidades.

Penso que deveríamos ser mais agradecidos a nossos benfeitores, pois são muitos, mas, pelo menos os que lutaram pelo bem da população de maneira mais audaciosa, renunciando até ao próprio bem-estar, para entregarem-se às causas comunitárias. Imaginem nossos médicos andando a cavalo pelas trilhas das roças para atenderem a um chamado de emergência para um doente! Assim o fizeram Dr. Neto* e Dr. Ari? Mais tarde, ele adquiriu um jipe no qual enfrentava as estradas esburacadas e barrentas, de Bom Sucesso a São Tiago. E não faltava a seu juramento de médico.

Falando dele, não podemos nos esquecer de Dona Maria Luiza Vivas, a Assistente Social daquele tempo. Eram companheiros, principalmente quando se tratava de partos complicados. Parteira exímia, ajudou a trazer muitos bebês ao mundo. Meus cinco filhos nasceram em suas mãos: o terceiro parto, por demais complicado, não foi difícil somente para mim, parturiente, mas via-se apreensão, ansiedade, nas atitudes da parteira. Mês de maio, em São Tiago, era gelado e não tinha como chamar o Dr. Ari e nem como me transportar para Bom-Sucesso. Assim, eu estava entregue nas mãos de Deus. Passei por um mau pedaço, até mesmo após o parto, mas fomos salvos, nosso filho Geraldo Laerte e eu. A fé era muita. E quando foi que nos lembramos de reverenciar a memória de Dona Maria Luiza e de todas as parteiras que serviram, com presteza e carinho, às famílias são-tiaguenses de outrora?

Em um dos bancos da praça consta o nome de Doutor Geraldo Ribeiro Resende Júnior, também médico que prestou serviços relevantes à nossa população. A inscrição faz referência à Fazenda da Paciência, de sua propriedade.

Serralheiros, carpinteiros e pedreiros fizeram doação de bancos para a Praça. Profissionais capacitados, competentes em seu ofício, mas homens simples, relevantes pela dignidade de suas vidas e pelos serviços prestados.

Humildes funcionários públicos, também deram sua contribuição, bem como muitos proprietários de casas comerciais. São citados nomes de prefeitos, que deixaram marcas registradas para a população, como exemplo de participação na construção de melhoramentos. Outros prestadores de serviço fizeram sua doação, tais como advogados, ex-diretora e professora do Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, Ana Teodora da Silveira e Família. Até a Casa Alves Neto, de São João del-Rei, prestigiou São Tiago. Era a casa de material de construção de referência, na região. Dispunha de um revendedor que vinha a São Tiago para dar atendimento, uma ou duas vezes na semana. Hoje, com o crescimento do co-



mércio, não mais nos lembramos da importância dos serviços prestados ao município por essas entidades. Era uma troca, pois também se beneficiavam, mas tiveram valor no estreitamento das relações comerciais e nos laços de amizade entre São João e São Tiago, até mesmo com outras localidades vizinhas.

Podemos rememorar a Organização Comercial Mendes, que arrojadamente, ligava São Tiago ao Brasil, especialmente à capital mineira, ao Rio de Janeiro e às cidades vizinhas. Seu proprietário-administrador, senhor Vicente José Mendes, foi um homem além de seu tempo, um visionário, um sonhador. À época da inauguração da NOVACAP, Brasília, empreendeu uma viagem de caminhão, com 21 homens. Tinham como finalidade participar dos festejos de inauguração da nova capital. Além de comerciante, Senhor Vicente Mendes era um amante da política, daí São Tiago ser visitado inúmeras vezes por Tancredo Neves, Juscelino Kubtschek, personalidades de renome nacional e internacional, chegando, ambos, a ocuparem os cargos de Governador de Minas e de Presidente do Brasil. Apesar de Tancredo não haver tomado posse, devido à grave doença de que foi acometido, havia sido eleito nas Eleições Diretas Já, cujo objetivo seria fazer a transição do regime ditatorial para a restauração da democracia no país.

Sentados comodamente nos bancos, muitos deles à sombra de árvores frondosas e floridas, pode-se apreciar a dinâmica da Praça: fiéis que se dirigem à Igreja Matriz, cortejos fúnebres, procissões, cerimoniais cívicos ou culturais, casamentos; os transeuntes, carros, motos, ônibus, bicicletas, casas comerciais e residenciais. A Praça é o centro onde pulsa o coração da cidade. A todos atrai: crianças, jovens e velhos ali acham graça de estarem. A passadeira, nos galhos, alegre com sua música. Jardim sempre cuidado e florido, belas árvores dão à Praça um ar majestoso, orgulho de todo são-tiaguense. Bancos doados por proprietários dos primeiros supermercados, que vieram favorecer, em muito, a vida das donas de casa, pela oferta de produtos antes não encontrados na cidade: Supermercado Tropical – Roberto Caputo Resende; Supermercado Panelão – Resende e Mata Ltda.. Até o Banco de Minas S/A, cuja agência, no município já foi extinta há muitos anos, tem o nome registrado em um dos bancos da Praça. Não faltou o nome de um tio muito querido: casa São José, de José Caputo Filho, o Preste. Assim prossegui, vendo registrados nomes de pessoas simples e de pessoas mais destacadas, à época.

E a lembrança me vem da Praça mais singela dos tempos de criança e de adolescente, porém não menos bela, talvez até mais, pelo destaque da Igreja Matriz, Igreja do Rosário, árvores de magnólea e o conjunto de casas de morada e de comércio, em especial, o Armazém do Vicente Mendes. Contam que outra pessoa importante foi o Seo Sabino, que tinha uma pensão e uma boa casa de comércio, ao lado da Matriz, fazendo esquina com a Rua Dona Teófila Navarro (e quem teria sido essa mulher que àquela época foi reverenciada com tão grande honra de se dar seu nome à rua onde viveu e morreu?). Resplandecia o renomado Grupo Escolar Afonso Pena Júnior (quem mesmo terá sido esse homem que deu seu nome à nossa escola? E as Festas de Agosto, o vai-e-vem na Avenida Coronel Benjamim Guimarães onde moços e moças faziam a Avenida. Havia alguns casarões que se foram com o tempo, bem como seus moradores; chegou a modernidade que engoliu a antiguidade e nada sobrou; nem mesmo a Matriz se conservou em sua originalidade, a Igreja do Rosário, em ruínas, foi demolida, também o coreto e os casarões, a antiga Prefeitura, que morava no local da que se ergueu depois. Magnóleas incomodavam, porque eram árvores antigas e exuberantes de beleza. O gramado tão verde foi substituído por concreto, pois grama incomoda os pés bem calçados. Não deixa de ser lindo o quadrado construído ao redor da primeira capela do povoado, hoje, Igreja Matriz, tão bela, apesar da perda de originalidade.

Sentados em algum banco da Praça há sempre um casal de namorados, avós com os netos, estudantes, grupos de senhoras mais idosas, homens a conversarem, todos a usufruir da beleza e bem estar que ela proporciona, gratuitamente.



RESPONSABILIDADE Cívica e Institucional

Cresce e anseia-se no País por um consistente fortalecimento da cidadania e das Instituições com a consequente responsabilização dos atos praticados, quer pelo cidadão comum, quer pelas autoridades constituídas e/ou com delegação de Poder.

No tocante aos mandatários – federal, estadual e municipal – além do cumprimento da legislação de responsabilidade fiscal, há que se estender aspectos outros, legais e sociais, que inferem na relação cidadão/Poder Público. Valores, sentimentos, respeito à cidadania e aos direitos constitucionais necessitam ser melhor acolhidos pelos detentores de autoridade.

O cidadão, se descumprir – ou assim julgar o arbitrário Poder Público – qualquer dispositivo, até mesmo meras portarias, é punido, execrado. Autoridades, porém, no uso da tradicional prepotência, cometem arbitrariedades e constantes menosprezos ao contribuín-

te. A imprensa noticia largamente quanto ao assunto. Superfaturamentos em faraônicas obras públicas, contratos descumpridos ou manipulados, verbas não liberadas, precatórios não pagos, aposentados com criminoso “engessamento” em seus proventos, índices alarmantes de violência, privilégios vergonhosos, poluição, enfermidades, péssima atenção à saúde, educação, saneamento, infraestrutura. Não há para quem se apelar, pois o arcabouço legal-judicial hoje é um caos...

Toda administração pública deve(ria) primar e se submeter ao princípio da legalidade ou seja, deve ser a primeira a dar o exemplo da correção, da moralidade, da responsabilidade, da seriedade, probidade, do reconhecimento da lei, dos direitos de seus cidadãos e empresas que são contribuintes e de forma constitucional, honram sagradamente seus compromissos.

Um caso

Passávamos, certa feita, pelas proximidades da Prefeitura Municipal – lá se vão alguns bons anos, décadas – e um senhor, um humilde cidadão, ali aos prantos, chamava a atenção geral. Era um tijoleiro dos lados do Capão e segundo ele, vendera considerável quantidade de tijolos para a Prefeitura e passados meses e meses, não conseguia receber. A desculpa “Não tinha dinheiro”.

Desrespeito. Abuso. Uma afronta. Abominável mau exemplo. Havia dinheiro para festas, viagens, firulas, carro oficial da Prefeitura “bangobango” País afora, fato escandaloso, registrado pela imprensa mineira e que ninguém jamais tomou providências. Não havia, porém, dinheiro em caixa para se pagar um pobre artesão – e sabemos todos nós quão duro era o ofício de se produzir tijolos nas olarias – que trabalhara como um escravo, a fim de fornecer tijolos adquiridos, solicitados pela Municipalidade. E aquele homem modesto, cidadão íntegro, pai de família, ali “enrolado”, humilhado, sem ter a quem recorrer, sem receber o fruto de seu honrado e suado trabalho!

Citamos esse exemplo, a fim de exaltarmos a luta que devemos empreender, resgatando-se a credibilidade do Poder Público, a plena correção das atitudes oficiais, bem como a responsabilização em casos de abusos e omissões.

Urbanização e Oportunidade de Negócios

Há uma tendência mundial – e irreversível – no sentido da urbanização. Milhões de pessoas, anualmente, em todo o planeta, deslocam-se para as cidades, que se tornam os motores do desenvolvimento econômico-social, em especial nas áreas tecnológica, cultural e inovadora. Cidades geograficamente bem conectadas (próximas a rodovias, centros de produção agrícola ou industrial) ou que sediam universidades tem atraído grande parte desses contingentes migratórios, além de investimentos.

Importante, senão fundamental, que as cidades sejam favorecedoras/ofertadoras de convívio e interação social, de infraestrutura, espaço cultural, de forma a atraírem, se transformarem em nichos de negócios, oportunidades, inovações, criatividade, atendendo-se às demandas locais, a outros mercados regionais ou globais.

A cidade deve reconhecer sua identidade cultural, econômica, dispor de qualidade de vida, de centro educacional regular, de formação/capacitação de mão de obra, de suportes consistentes nas áreas de saúde, saneamento, infraestrutura adequadas, de modo a tornar-se um polo efetivo e competitivo de empreendimentos. Ou seja, cabe-lhe (a cidade) gerar condições para o desenvolvimento das empresas e negócios, o que envolve a participação de todos os segmentos públicos e privados da coletividade. Ao Poder Público, compete planejamento diretor, incentivos fiscais, logísticos e convencionais (redução da burocracia, da carga tributária, quesitos de segurança, apoio à implantação de incubadoras ou projetos piloto), que possam atrair empresas e investimentos. É de sua competência, ademais, atuação e soluções urbanas quanto à melhoria e eficiência da qualidade de vida, como limpeza, mobilidade viária, renovação de áreas degradadas, implantação de espaços culturais e arquitetônicos, recuperação/implantação de áreas verdes e de lazer, permitindo e consolidando a prática do convívio urbano harmonioso.

Necessária a consorciação de todos os capitais possíveis (capital histórico-memorialístico, paisagístico-natural) formado pelas tradições locais, sítios, monumentos e riquezas naturais etc. e o capital humano com a qualificação de moradores e eventualmente pessoas oriundas de outras localidades e/ou que nela se estabelece(ra)m).

Temos alertado às autoridades, lideranças e empresários quanto às potencialidades de nosso meio, em particular nossa cidade. A proximidade com grandes centros consumidores, as condições facilitadas de logística e transporte (malha rodoviária), ao lado das vastas tradições culturais e econômicas (gastronomia, agroindústria, artesanato, hortifrutigranjeira), a globalização tecnológica, nos credenciam a tornarmos-nos um pólo produtivo-sustentável, abastecedor potencial da capital do Estado e de outros núcleos urbanos.

As novas gerações buscam/requisitam formas criativas, diversificadas e de valorização da vida urbana. Qualidade de vida é o desejo essencial. Cidades com controle da poluição (industrial, trânsito) e com novo conceito estético-urbanístico. Ruas e praças bem cuidadas, ajardinadas; a existência de áreas de lazer, cultura e de relacionamentos (cafés, museus, bibliotecas, etc.) enfim, o renascimento pelo ambiente urbano, onde haja espaços e opções de moradia, trabalho, segurança, acesso a serviços de saúde, educação, artes, o que requer planejamento urbano adequado.

Rotas de Vida

Surpreendemo-nos como inúmeras pessoas se agarram ferreamente a posses, títulos, personalismos, empáfias. Sabemos todos: tudo que existe materialmente é efêmero, que, um dia, o nosso espírito será despejado do corpo e esse se transformará numa casa em ruínas, na sua condição de pó, e dessa forma removido a uma cova. A morte, afinal, é uma ceifadora implacável, senhorial, que não dá a mínima para ninguém, pregando peças constrangedoras mui especialmente a orgulhosos, presunçosos, potentados.

Pessoas há e assim observadas, que indiferentes às injustiças, à violência, às dores humanas adquirem direito à comodidade, às facilidades, quando não tramoias, do poder temporal, às benesses do ouro, à custa de astúcias, de simonias, por vezes inconfessáveis. Porém, plenamente certificadas, anotadas pela Justiça Divina! “O que vale ao homem ganhar o mundo e perder a alma?”, questiona-nos o Evangelho.

A ascese espiritual é algo que nos exige seriedade, constância, paciência. O caminho da luz é estreito, árduo, pleno de obstáculos, forçando seus adeptos a palmilharem-no com zelo, maturidade, vigilância, aplicação sincera do dever. Conquistas morais e espirituais requerem-nos esforço, dedicação, renúncia, humildade, porquanto, muitas tarefas tidas como menores ou inexpressivas – essencialmente úteis, porém – tornam-se verdadeiros fanais ou escadas que nos sublimam, nos elevam às mansões celestiais.

Filhos amados da Divindade, marujos do barco terrestre a singrar mares encapelados, estamos em processo de continuo e inexorável progresso e evolução, sob o comando misericordioso e pleno de Jesus. Mundos que navegam e salpicam pelo universo, como pipas seguras pelas Mãos Divinas, alçando voos majestosos e desafiadores. Nosso planeta azul – belo mundo dentre bilhões que circulam pela vasta e insondável imensidão cósmica – abriga ainda considerável parcela de entes imperfeitos ou ignorantes à Excelsa Mensagem Divina, daí nos espantarmos com misérias, expiações, guerras, barbáries, enfermidades, desigualdades que nos afligem a todos.

O ser humano foi criado, cresce, se robustece ante dificuldades, adestrando habilidades, convivências, diferenças, variações de desejos, profusões de sonhos e atitudes, dentre multidões de companheiros, por vezes hostis, por meandros do inquestionável tempo - rotas da surpreendente seara terrestre.

Cabe-nos crer, confiar, orar, nos burilar, atuar intermitentemente, sob a tutela Divina, certos de que o bem prevalece acima de quaisquer circunstâncias, de que devemos exercitar o Amor a Deus e ao Próximo, de que o progresso humano se faz inexorável, dentro das sábias diretrizes do Pai, conduzindo nosso orbe e seus filhos à Canaã prometida, à vinha bendita do Senhor.

O Inventor do Tinteiro Econômico

O Boletim Sabores e Saberes de setembro de 2015 publicou o texto “De Tintas e Tinteiros a Canetas”.

Ao tomar conhecimento do conteúdo publicado, Dr. Wainer de Carvalho Ávila¹, fez ligeiro comentário sobre o mesmo e deu-nos a conhecer a respeito do inventor do TINTEIRO ECONÔMICO, ao qual o texto publicado faz menção.

São Tiago teve muitas pessoas importantes, que se destacaram na região, no Estado de Minas Gerais e no cenário nacional, motivo de orgulho para nós são-tiaguenses. Dentre esses personagens ilustres, podemos citar a Família Viegas, cujo nome é ainda lembrado na rua em que residiram - Rua Viegas - e em um busto erguido próximo à Igreja Matriz em homenagem ao Doutor Augusto Viegas.

José das Chagas Viegas, era um dos filhos do são-joanense Antônio das Chagas Viegas e de Maria Cristina Santiago Viegas. José Viegas nasceu em São Tiago a 23 de julho de 1887. Foi para São João del-Rei em 1895, com a finalidade de realizar seus estudos. Seu pai faleceu a 12 de março de 1908. Maria Cristina mudou-se com os filhos para São João del-Rei.

Os mais conhecidos, porque de nosso convívio, teriam sido o médico Doutor Antônio das Chagas Viegas e Doutor Augusto das Chagas Viegas.

Àquele tempo, as dificuldades eram muitas e até mesmo assustadoras. Grassava a pobreza, chegando-se à miséria de grande parte da população. Era difícil às famílias a compra de material escolar até mesmo de um caderno ou um lápis para os filhos que frequentavam escola. Canetas e tinteiros eram objetos necessários aos alunos e aos registros escritos em várias instituições.

As carteiras acomodavam dois alunos e dispunham de dois locais trabalhados em baixo-relevo, sendo um destinado a canetas e lápis e outro em forma de círculo onde se colocava o tinteiro. Por mais cuidado que se tivesse, muitas vezes o tinteiro tombava, derramando tinta na carteira, roupa dos alunos, no chão cuja mancha permanecia por muitos dias. Para alívio e conforto de todos, apareceu o TINTEIRO ECONÔMICO, porque a tinta nele contida não se derramava. Foi um grande invento. Como esse invento contribuiu para o favorecimento da escrita!

Crianças de escola, não nos importávamos em ler o conteúdo dos rótulos que envolviam o tinteiro. Simplesmente o usávamos e acabávamos tirando o papel que informava a respeito do produto e de seu fabricante.

Ficamos surpresos quando o Doutor Wainer de Carvalho Ávila, advogado, ex-deputado da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, atual presidente da Academia de Letras de São João del-Rei revelou-nos que o inventor do TINTEIRO era nada mais nada menos que um são-tiaguense, o Doutor José das Chagas Viegas.

José Viegas era irmão do médico Doutor Antônio das Chagas Viegas, que foi prefeito de São-João del-Rei por 14 anos, sendo nomeado por 10 anos, na ditadura de Getúlio Vargas e por mais 4 anos através de eleição. Também irmão de Doutor Augusto das Chagas Viegas, deputado federal constituinte em 1934 e 1936².

Inventor do TINTEIRO ECONÔMICO, que se tornou conhecido em vários estados brasileiros, registrou a patente do invento e começou a fabricá-lo em alumínio, depois, em folha em folha de flandres. Não entornava a tinta, não se sujavam as mãos, podia ser levado nas pastas escolares. Alguns alunos possuíam caneta-tinteiro, mas eram de custo alto, principalmente a caneta Parker-51. Foram se popularizando com outras marcas, de custo mais acessível; não demorou muito, surgiram as canetas esferográficas que estão em uso ainda hoje. Tendo surgido instrumentos mais modernos para as atividades da escrita, o TINTEIRO ECONÔMICO caiu em desuso, vindo o Doutor José Viegas a deixar de fabricá-lo.

Entretanto, faz-se necessária maior explanação a respeito da personalidade do inventor do TINTEIRO ECONÔMICO, que, além de odontólogo era teatrólogo. Fundou a Revista Teatral de São João del-Rei e trouxe a essa cidade companhias teatrais como a de Procópio Ferreira, Margarida Sper, Palmerim Silva, Nino de Melo, Eva Tudor, Vicente Celestino - quando o Senhor Angenor Ávila, tio de Wainer Ávila, foi o solista de violino, no Teatro Municipal - e outras mais.

Doutor José Viegas atuou em várias atividades sociais e artísticas. Com a cooperação da Sociedade de Concertos Sinfônicos de São João del-Rei, encenou várias operetas e espetáculos.

Ocupou a Cadeira número 5 da Academia de Letras de São João del-Rei. Foi eleito Secretário da Escola de Odontologia, que funcionou na mesma cidade, em 19 de agosto de 1913. Durante o tempo em que dirigiu o extinto Clube Teatral Artur Azevedo, a instituição programou e realizou bons espetáculos artísticos. Na sala de espera do Teatro Municipal de São João del-Rei ficou perenizado em bronze o nome do Doutor José das Chagas Viegas, como símbolo de gratidão ao benemérito do teatro.

WWW.PATRIAMINEIRA.COM.BR/DIVULGAÇÃO



Detalhe do "Tinteiro Econômico", artefato criado por José Viegas, em São João del-Rei/MG, no final da década de 1930 / início da de 1940

Grande colaborador de empreendimentos propulsores do bem-comum de São João del-Rei, participava de eventos artísticos, esportivos, religiosos. Cidadão de caráter íntegro, espírito alegre e versátil, coração bondoso e viva inteligência. Tinha a colaboração de sua esposa Celina, professora e mulher dinâmica que sempre esteve a seu lado.

Como odontólogo prestou relevantes serviços à população, numa época em que os recursos eram precários, mesmo quanto aos meios de transporte, tendo de viajar a cavalo para as zonas rurais.

Com muito entusiasmo, o Presidente da Academia de Letras de São João del-Rei, Wainer de Carvalho Ávila, presenteou o Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago com um exemplar do TINTEIRO ECONÔMICO, fazendo ressaltar a personalidade e qualidades de seu Inventor, que nasceu em São Tiago, tendo sido, portanto, nosso muito digno conterrâneo. Um presente valioso, pelo que representou no favorecimento da escrita e por adentrarmos na História de um são-tiaguense e são-joanense de grande prestígio, que prestou relevantes serviços à sociedade de sua época.

Oxalá possam os jovens cultivar a memória de uma personalidade como o Doutor José Viegas e de outros conterrâneos, tomando-os como exemplo de nobreza e dedicação à sociedade e amor ao próximo, em especial, aos mais necessitados.

Ermínia Caputo

Notas:

- 1- Wainer Carvalho Ávila é casado com Regina Faria Ávila, filha de Ulisses Alves de Faria e Edite Oliveira de Faria; A família Faria residiu por muitos anos em São Tiago, sendo muito considerados nessa terra, bem como Wainer, que está sempre prestigiando São Tiago - A Terra do Café com Biscoito.
- 2- Fonte de pesquisa: Galeria de Personagens Notáveis de São João del-Rei, livro de autoria do professor Sebastião de Oliveira Cintra- páginas 174 e 175.